

N.º 175

O QUE NOS DIZEM OS PORCOS PARA ALÉM DOS PROMOTORES DE CRESCIMENTO?

INTRODUÇÃO:

O título deste pequeno artigo que diz respeito a uma apresentação feita no 1 Seminário da FPAS, pode parecer estranho!

Mas não é!

Na verdade, os porcos dizem-nos tudo o que precisam.

Nós é que poucas vezes estamos dispostos a ouvi-los, embora eles estejam sempre a “falar” connosco.

ASSUNTO:

A suinicultura intensiva teve, ao seu dispor e durante largos anos, a ajuda de alguns aditivos que funcionavam como promotores de crescimento. Falamos de promotores de crescimento antibióticos.

O legislador europeu, usando de uma prerrogativa chamada princípio da precaução (não existem quaisquer provas da periculosidade do uso destes promotores antibióticos, que continuam a usar-se largamente em muitos países “atrasados” como é o caso dos Estados Unidos da América) resolveu proibir a utilização desta classe de promotores.

Que teve então a indústria suinícola europeia que fazer?

Procurar outros (novos) promotores de crescimento alternativos e que tão eficientemente estão já a cumprir a sua função.

Assim, em substituição dos cerca de oito promotores de crescimento antibióticos, os investigadores dos laboratórios farmacêuticos encontraram outros tantos promotores de crescimento não antibióticos.

Esta mudança, teve o condão de nos dar oportunidade de voltar a pensar no maneio que usamos nas nossas explorações.

É que, usando uma frase que correu recentemente entre nós, “há mais soluções dos nossos problemas para além dos promotores...”

Infelizmente, “descansados” que andamos com a ajuda preciosa que os promotores de crescimento nos dão, descuramos com toda a ligeireza as

“obrigações” e “regras”, que como produtores de suínos, sabemos que temos que cumprir!

Para nosso próprio bem e vantagem.

Estamos a falar de manejo.

Não posso deixar de referir os mais frequentes “conceitos” chocantes em que a suinicultura intensiva, infelizmente tantas vezes, se revê com reflexos negativos para ela própria.

Substituir regras de manejo por antibióticos terapêuticos, quando funciona, funciona por pouco tempo.

Assim, e sem querer chocar o eventual leitor:

CONCEITO 1

Pior “descoberta” utilizada no sector: os antibióticos terapêuticos!

Parece uma afirmação louca, mas não é!

Na verdade, em vez de usarmos judiciosamente estas “armas terapêuticas” para resolver problemas específicos, usámo-los (e continuamos a usar) para esconder as nossas falhas de manejo!

Acabamos assim, quase invariavelmente, por destruir a capacidade terapêutica destas tão úteis e necessárias “armas” correndo o risco de ficarmos todos, suinicultores e médicos veterinários, “desarmados”!

E não se pense que os laboratórios da indústria farmacêutica, que tão laboriosamente inventam ou descobrem moléculas antimicrobianas, nos ficam gratos por nós as usarmos tão irresponsavelmente.

Ninguém gosta de ver um produto seu destruído e tornado ineficaz pela má utilização que lhes damos.

CONCEITO 2

“Oh Doutor!

Eu sempre fiz assim e faço-o há anos! Não me venha agora dizer que o meu problema é”:

O leitor pode escolher agora:

- a qualidade do ar
- a qualidade da água
- a densidade de animais/m²
- o plano alimentar
- a limpeza dos silos

- o fluxo dos animais
- as regras da biosegurança, etc, etc...

Dizem-nos ainda, algumas vezes, “não tenho tempo para essas mariquices...”.

Esta frase assassina quer dizer, tão simplesmente, que quem diz isto há anos que não olha para os seus porcos!

Dito isto, podemos agora perceber o título proposto para a palestra então apresentada e agora passada a escrito.

OLHAR é, sem sombra de dúvida, a mais importante actividade a desenvolver nas nossas explorações, principalmente nas intensivas onde o tempo escasseia e onde os porcos têm menos ou nenhuma oportunidade de se defender por si sós, isto é, escolhendo como e onde se acomodam, bebem, se alimentam e respiram.

OLHAR, nesta perspectiva, significa VER.

Com OLHOS de VER!

Se não olharmos não vemos e, muito menos, ouvimos o que os porcos têm para “nos dizer”. Na verdade, os porcos FALAM e assim sendo dizem-nos o que gostariam que nós ESCUTÁSSEMOS. E quem é que não gosta que nos escutem quando falamos?

Outra parte do título “O QUE NOS DIZEM OS PORCOS...” “ fica agora um pouco mais clara.

E falam como?

POR GESTOS:

Amontoam-se porque têm frio.

Agridem-se: porque são alojados em número demasiado para o espaço disponível, etc., etc.

POR ATITUDES:

Não comem porque não têm água.

Não comem porque têm calor, etc., etc.

POR POSTURAS:

Mordem nas barras das celas deitam-se e levantam-se sem cessar

Coçam-se, etc., etc.

1ª conclusão: se não olharmos para eles não os vemos, e se não estamos interessados em vê-los muito menos estamos interessados e APTOS para os ouvir.

Por outro lado, para “olhar, ver e escutar” temos que dispor de TEMPO para essas actividades.

2ª conclusão: precisamos de dispor de TEMPO para desenvolver estas técnicas de olhar, ver e escutar SEM SER VISTOS, observando como se estivéssemos a jogar ao jogo do “É BOM OBSERVADOR”.

Entrar de mansinho, ficar imóvel não parecendo um intruso (mesmo se se for um funcionário habitual na exploração) quando for caso disso, “falar” aos porcos, com calma, principalmente quando somos presença habitual, acariciá-los se existir oportunidade, etc., etc.

Esse TEMPO, nunca é tempo perdido.

Apresentamos aqui alguns exemplos de “O QUE” ver/observar:

- **como se deitam:**

- de lado (relaxados e cómodos),
- amontoados (temperatura ambiente, febris)

- **onde se deitam:**

- aos cantos (correntes de ar, gases incómodos, etc.)
- debaixo dos bebedouros (calor)
- em cima da urina e fezes (calor)

- **como bebem:**

- se há competição
- se os bebedouros estão à altura própria
- verificar pressão e débito da água

- **quanta água bebem:**

- alguém monitoriza a quantidade de água ingerida? (indicador de doença)

Concluindo: estão os porcos confortáveis?

ATLETAS DE ALTA COMPETIÇÃO:

Não nos podemos esquecer que as “raças” (estirpe, variedade) dos porcos que hoje em dia exploramos correspondem, nos humanos, aos atletas de alta competição!

Queremos que nasçam muitos, cresçam muito depressa, comam pouco por cada kg de peso vivo que repõem, por exemplo.

Para além da qualidade/tipo dos alimentos — sólidos e líquidos (a água, SIM A ÁGUA esse alimento quase sempre esquecido) — as questões de conforto como o espaço disponível, comodidade do alojamento, temperatura ambiente, são factores determinantes para que eles possam evidenciar todas as suas capacidades produtivas.

A relação velocidade de crescimento/quantidade de alimento ingerido, é o aspecto que como é óbvio, mais nos preocupa.

Porque é aí que ganhamos, todos, a nossa vida!

Sabemos hoje que em condições óptimas de saúde, alojamento e alimentação, um leitão de 30 dias de idade pode (tem potencial para) GANHAR/CRESCER 600g/dia!

Esse é o seu potencial genético.

Há que aproveitá-lo.

DOMESTICAÇÃO:

Domesticação não é sinónimo de “escravatura animal”.

Que se quer dizer com isto?

Os porcos, embora olhemos para eles como máquinas de “fazer carne”, são umas máquinas especiais, máquinas animais!

Independentemente do tamanho da exploração tomada como UNIDADE, cada animal é “uma individualidade”.

O HOMEM (tratador) têm que lhes impor respeito sem deixar de ser carinhoso (por isso se escolhem, por exemplo, tantas vezes, as mulheres para as maternidades).

Estes foram e serão sempre dois aspectos fundamentais na domesticação.

Tal como os exploramos actualmente, os porcos estão no limite das condições de “stress” (não nos esqueçamos quão sensíveis, são os porcos actuais, aos factores de stress existindo, como se sabe, estirpes particularmente sensíveis).

Há, pois, que conseguir que os animais tenham confiança em nós (sem ser preciso andar com eles ao colo!):

- “Falando-lhes”
- “Acariciando-os”
- Providenciando-lhes quantidade e qualidade adequadas de alimentos
- Conhecendo-os, enfim!

Conclusão: a relação cordial e calma HOMEM/porco não pode ser esquecida nem perdida.

TRATAMENTOS/ENFERMARIA

Ficarão surpreendidos com o que VÊM se gastarem algum tempo OLHANDO para o estado e qualidade do equipamento usado nos tratamentos e cuidados INDIVIDUAIS dos porcos.

Na grande maioria das explorações as condições de assepsia e desinfecção dos instrumentos, sejam eles alicates corta dentes, corta rabos (estes não devem nunca ser os mesmos dos dentes), as agulhas, as seringas utilizadas, o estado de limpeza e higiene das caixas e tabuleiros onde se mantêm os equipamentos, fazem muitas mais vezes lembrar utensílios de tortura em vez de equipamentos de enfermagem!

Frascos de produtos injectáveis (sejam eles o vulgar “ferro”, sejam outro produto) apresentam, para além do pó acumulado, agulhas “orgulhosamente” espetadas na rolha perfurada, como se de uma bandarilha se tratasse ...

Injecta-se assim, tantas vezes, simultaneamente com o produto terapêutico, uma quase igual dose de “porcaria” indescritível!

Para já não falarmos na quantidade de porcos (sãos e doentes) em que usamos a mesma agulha, transferindo assim infecções inaparentes de animal para animal e de sector para sector.

E, as ENFERMARIAS?

São, na maior parte das vezes, o lugar mais frio, pobre, sujo, triste, desconfortável e inóspito de uma exploração.

Frequentemente lhes chamo DEPÓSITO DE “CADÁVERES VIVOS”.

Com o inconveniente adicional de constituírem o repositório, para todo o efectivo, quer das doenças já existentes quer das novas doenças que lá introduzimos.

Quando nós próprios estamos doentes, o que nos fazem ou obrigam a fazer?:

- Recolhemo-nos (para não nos maçarem)
- Põe-nos na penumbra (para nos mantermos calmos)
- Põe-nos num quarto quente, sem correntes de ar

- Dão-nos alimentos especiais
- Dão-nos os medicamentos a tempo e horas (e já há 50 anos, entre cada medição de temperatura, a minha mãe desinfectava o termómetro...)
- Não permitem que nos aborreçam
- Mimam-nos, enfim!

Pergunta: e aos nossos animais doentes o que lhes fazemos?

Nota: Existem já explorações, modernamente desenhadas, em que nem sequer existem enfermarias - o êxito é pequeno - ou, quando existem, são verdadeiras enfermarias e não depósitos de pré-cadáveres.

BIOSEGURANÇA

Infelizmente, muitas vezes, trata-se de um sector em que as regras instituídas mas não cumpridas configuram uma autêntica aventura!

- Quem e quando é que só permite a entrada nas explorações depois de cumpridas todas as regras de segurança no acesso de estranhos ao trabalho diário, quer se trate de técnicos, vendedores, fornecedores de outros serviços, entregadores de rações, transportadores de animais para abate etc., etc.?
- Quem cumpre, SEMPRE, estritamente, a regra do “tudo dentro, tudo fora”?
- Quem cumpre, SEMPRE, uma movimentação de “marcha adiante” dos animais da exploração?
- Quem pratica, SEMPRE, o vazio sanitário que cumpra, para além do número de dias de verdadeiro vazio, depois de ter cumprido, pela ordem abaixo indicada:
 - retirar toda a matéria orgânica - pós, fezes, teias de aranha, etc.
 - lavar com água quente
 - lavar com detergente
 - limpar e lavar comedouros e bebedouros
 - aplicar desinfetante
- Quem, na verdade, quando enche uma cela, sala ou pavilhão com animais vindos de outros locais (de dentro ou fora da exploração) os aloja como se esse local estivesse como se “fosse um local a estrear”?

Concluindo: VAZIO SANITÁRIO, foi mesmo vazio sanitário?

FORMAÇÃO:

Não é só por ser um tema que está na moda que nos devemos preocupar com ele.

A transmissão de conhecimentos e o cuidado de ENVOLVER, verdadeiramente, todo o PESSOAL na IMPORTÂNCIA DAS TAREFAS QUE CADA UM DESEMPENHA na exploração é fundamental.

Pessoal desmotivado e desinteressado não cumpre os mínimos necessários para se obterem os resultados técnicos e económicos que nos permitam sobreviver neste mundo de tão elevada competição.

No congresso mundial de suinicultura de há 5 anos, para além dos importantes aspectos da área das patologias, manejo, genética, uma parte importantíssima dos trabalhos e comunicados, versou este tema.

Porque terá sido?

NOTA FINAL: usei frequentemente, ao longo destas páginas, a palavra “etc.”.

Foi de propósito!

Na expectativa que o leitor fique a pensar no que querei dizer com “etc.”!

Quero, tão somente, dizer isto:

ETC. é: TUDO o que sabemos que devemos fazer ou praticar mas não fazemos!
Mas sabemos que temos que fazer!

IN: *5º Congresso Nacional de Suinicultura*

22/23 Junho 2006

Luís Valente (Médico Veterinário)

Aveiras de Cima, 11 de Julho de 2006
SERVIÇOS TÉCNICOS

GV/LV